

CONTOS da FLORESTA

YAGUARÊ YAMÃ

Estes contos da floresta são de rir e de assustar. Os três mitos e as três lendas aqui reunidos se originam da tradição Maraguá, povo conhecido por suas histórias de assombração. Falam da vida e da natureza, reverenciam a bravura e a verdade, trazem valores e sabedoria, temperados com certo humor e boa dose de suspense e magia.



Ilustrações Luana Geiger

EDITORA
Peirópolis

Iza Reis Gomes

CONTOS DA FLORESTA

CONTOS da FLORESTA

YAGUARÊ YAMÃ

Ilustrações Luana Geiger





*À Lia Minápoty
e à Geiseane Reis*

MISTÉRIO

Anhãga, aquela coisa que aparece
Ali embaixo da grande çapopema
Às vezes, ela é gente que faz prece
E noutras, é um fogo que não queima.
Titãga, que não sei o que acontece.
Se sei, eu finjo não valer a pena
Em troca de um tesouro (Deus defenda!)

Dar minha alma para aquela peste.
Mas, se tiver coragem, esta é a hora
Meia-noite! E sozinho! Quem iria?
E se fosse, deixaria ali seu sangue?
Pois é assim o trato – o acordo
Que tem de haver – trocar a sua vida
Para então desenterrar o tesouro

Yaguarê Yamã





Mitos

11 História de Kāwéra

19 As makukáwas

27 História de Mapinguary

Lendas

37 O pescador e a onça

41 O bicho e o casamento

47 Dois velhos surdos

HISTÓRIA DE KĀWÉRA

Certo homem saiu para caçar. Arrumou-se. Pegou sua arma, o remo e a porôga. Despediu-se da mulher e seguiu para a beira do rio.

Imaginava caçar durante a noite, em cima de um mutá, a maneira mais fácil de atirar nos animais. Por isso, esperou o pôr do sol, embarcou na canoa e saiu.

Remando em direção às comedias, passou por vários lugares, até chegar ao lago desejado, que era alvo de disputa entre os caçadores e pescadores da região, porque dava muita caça. Esse lago se chamava Kayawé, e ficava próximo ao Paraná do Urariá, um caudaloso afluente do rio Madeira, no Amazonas.

Quanto ao homem, chamava-se Yaguajê, caçador de fama, um dos mais destacados entre os indígenas. Pertencia ao clã Çukuyê, dos Maraguá.

Ao chegar ao lago, olhou para todos os lados e não encontrou nada que lhe chamasse a atenção. Remou de um lado para outro em busca de comedias de caça, onde pudesse armar sua tocaia, mas nada. Já estava quase desistindo, quando, ao virar sua canoa de volta, enxergou uma palmeira inajá cheia de frutos.

Pensou: “Eu já ia voltar para casa, mas, como apareceu esse inajá carregado de frutas, não custa nada averiguar mais de perto”.

Aproximou-se do inajá e viu, embaixo da árvore, várias pedadas de paca. Animado, resolveu ficar ali. Armou o mutá entre duas palmeiras e, de cima, ficou aguardando o animal vir comer os coquinhos.

Esperou bastante, mas não ouvia nenhum ruído de paca. Olhava para todos os lados e nenhum sinal de caça.

Veio o sono, e o homem estava para dormir, quando notou algo brilhar logo adiante. A noite estava clara e, com a ajuda da porôga, viu perfeitamente o animal. Era uma paca adulta que chegava para roer os coquinhos na comedia. Alegre, o homem falou:

- É essa que vou levar!

Pegou sua espingarda e apontou para a paca. Estava prestes a atirar, quando sentiu um grande vulto às suas costas. Seus cabelos se arrepiaram.

Rapidamente, deixou de mirar no animal e virou-se. Mas não viu nada.

Pensou por um instante. Sabia da lenda do lugar e dos perigos que ele corria ao caçar sozinho. Mesmo assim, conteve o medo: "Não é nada."



Novamente, preparou-se para atirar no animal, que, sem percebê-lo, comia os coquinhos de inajá, quando sentiu um vulto mais forte. Dessa vez, ele apontou a espingarda para o vulto que vislumbrou sob o luar. Mas seu corpo adormeceu e ele deixou cair a espingarda. O disparo assustou a paca, que saiu correndo em todas as direções.

O homem não se conteve e tentou golpear o vulto com o tapape. Mas, rapidamente, sentiu sua cabeça crescer e os cabelos se arrepiarem, ao ver descer à sua frente um terrível monstro alado, de asas de morcego. Ao pousar, deixou à mostra dentes enormes e garras, com as quais arranhou o homem nas costas. Em seguida, o monstro levantou voo e sumiu na escuridão da mata.

Com muito medo, o caçador desistiu de caçar, arrumou seus bagulhos e desceu do mutá. Lá embaixo, sentiu algo estranho escorrendo pelas costas. Passou a mão e percebeu que era sangue.

Correu desesperado para a canoa e remou mais que depressa para sua casa.

Contou tudo para sua esposa e para os cunhados, que o esperavam para jantar. Todos ficaram apreensivos, mas foram até o lago ver o que havia.

Dizoáp, o mais corajoso, foi à frente. Levando suas espingardas e munidos também com cacetes tradicionais, os cunhados se aproximaram da comedia. Quando chegaram ao lugar onde Yaguajê havia visto o monstro, sentaram no mutá e aguardaram. Dizoáp chamou:

- Bicho, se você for real, apareça agora!

Os cunhados sentiram um vento muito forte e ficaram todos arrepiados. Em seguida, o monstro surgiu furioso e falou para os caçadores, com voz forte e rouca:

- Esses animais são meus, ninguém pode matá-los. Se um de vocês voltar aqui, eu o devorarei.

E saiu voando.

Os homens pegaram suas armas e atiraram para todos os lados, tentando baleiar o monstro. Mas não conseguiram. O bicho desapareceu como por encantamento. Então os homens retornaram para a aldeia, prometendo não voltar mais àquele lugar.



Passados alguns dias, Dizoáp disse:

- Quero ver se esse bicho é de palavra. Sozinho, vou para aquele lugar falar com o monstro, e o farei desistir de assustar as pessoas.

Chegou lá, sentou no mutá e ficou observando. Perto da meia-noite, estava quase dormindo, quando um vento muito forte balançou o mutá. Ele se segurou para não cair.

Era o bicho:

- Eu avisei, se um de vocês voltasse, seria um dos meus.

O rapaz tentou enfrentá-lo:

- Se vier me pegar, vou lhe dar um tiro.

O bicho chegou perto e continuou a falar:

- É a sua ultima chance, vá embora. Esse lugar é meu, eu já avisei.

- Não saio daqui. Você não existe, é só o medo na minha imaginação.

O bicho continuava a avançar em direção ao rapaz, que o ameaçou:

- Se chegar mais perto, eu atiro. A minha arma é mais poderosa que você.

Então o bicho se enfureceu:

- Você está me desafiando? Se é guerra que veio procurar, então é guerra que vai ter.

O rapaz começou a atirar, mas não conseguia acertá-lo. O bicho desceu, atracou o homem com suas garras firmes e o levou para cima:

- Não falei que eu existo? Agora você vai ser um dos meus.

O rapaz finalmente reconheceu o poder do bicho:

- Largue-me, por favor! Prometo não voltar mais aqui.



- Não! Você me desafiou, agora não tem perdão. Eu lhe dei uma última chance e você não aceitou. Aguarde as consequências. Por ter desafiado um Kāwéra, você será castigado.

E continuou voando com o homem preso em suas garras.

Muito tempo voaram, até que, finalmente, chegaram à casa do Kāwéra. Um lugar escuro e sombrio. Desceram. O bicho jogou o rapaz no chão e falou:

- Olhe ao seu redor e me diga o que está vendo.

O homem, tremendo de medo, respondeu:

- Vejo cadáveres.

- Esses cadáveres são de pessoas teimosas, iguais a você, que me desafiaram.

- Por favor, me dê mais uma chance. Prometo proteger esse lugar para você.

- Muito bem, mas você vai se transformar em uma criatura como eu.

- Não tem outro jeito? E a minha família, como vai ficar? Tenho esposa, tenho filhos para cuidar.

O bicho respondeu:

- Prometo que não vai faltar nada em sua casa. Alguém vai aparecer para dar alimento aos seus filhos e à sua esposa.

E continuou:

- Eu não posso fazer nada, pois isso é um castigo. Trata-se da lei dos Kāwéras, e ela, eu não posso mudar. Eu ia é tirar a sua vida, mas resolvi lhe dar essa chance. Aproveite ou será morto.

O rapaz concordou, com voz triste:

- Já que não tem outro jeito, eu aceito.

O bicho avisou a ele:

- Ao anoitecer, vai começar a sua transformação.

O rapaz esperou. Enquanto dormia, o corpo dele ganhou garras, pelos, um rabo, dentes grandes e afiados, os pés se transformaram em patas, e surgiram duas enormes asas em suas costas.

No dia seguinte, ao acordar, viu que havia mudado por completo. Nisso, o Kāwéra retornou:

- Agora, você é um dos meus. Aproveite a nova vida de Kāwéra! Vá para o lago onde o encontrei e cuide daquele lugar como se fosse seu, porque lá existem muitas riquezas que não podem ser mexidas.

E o rapaz, que já não era gente, foi voando.

Até hoje, ele guarda o lugar sagrado como se fosse a sua vida. Dizem os caçadores que, de tempos em tempos, podem vê-lo sobrevoando aquele local, que, daí em diante, passou a ser chamado o lugar do Kāwéra.



H
i
s
t
ó
r
i
a
d
e
K
ā
w
é
r
a

M
I
T
O
S

AS MAKUKÁWAS

Era uma vez um homem que gostava de caçar makukáwas. Certo dia, ele saiu de casa e, no centro da mata, abateu várias delas. Contou seis pássaros e, no final do dia, muito satisfeito com a caçada, fez um cesto de palha para guardá-los. Em seguida, com o yamaxy na cabeça, voltou para casa.

Chegou com muita fome, zangado, impaciente, e foi jogando o yamaxy no assoalho. Disse para a esposa:

– Mulher, prepara agora mesmo essa comida, pois estou faminto.

A mulher, que estava com preguiça, reclamou:

– Para que você matou tanto pássaro, marido? Bem sei que você não vai me ajudar a depená-los. Quem me dera ter alguém para me ajudar.

Sem fazer caso, o homem saiu para se banhar no porto, enquanto a mulher se via às voltas com tantas makukáwas para depenar. Mesmo contrariada, foi até a cozinha fazer a janta para o marido.

No jirau, ela começou a depenar os pássaros. Mas era muito difícil arrancar penas deles. E, como se não bastasse, quanto mais ela os depenava, mais aparecia makukáwa para depenar.

Pensou: “Quem me dera haver alguém para me ajudar. Adiantaria horas no meu trabalho”.

Nesse momento, um pássaro tipuã começou a cantar bem longe na floresta: tipuã, tipuã... A mulher, incomodada com o canto do pássaro, disse:

- Ah, tipuã, se você fosse um homem, na certa, não ficava aí cantando; viria me ajudar a fazer essa janta.

E continuou a depenar as aves.

Passados alguns minutos, em frente à porta da casa apareceu um homem alto, forte, mas com pés de pássaro, iguais aos do tipuã. Ele foi para a cozinha, pegou as makukáwas do jirau com brutalidade e começou a depená-las com avidez. Assustada com o estranho, a mulher olhou para os pés dele. Teve mais medo, ainda, ao perceber que eram pés de pássaro.

Pensou: "Como pode? Isso não existe. Um homem com pés de pássaro! Além do mais, com grande agilidade para depenar makukáwas!"



O homem não precisava nem mergulhar as aves na água quente. Mesmo enxutas, as makukáwas eram depenadas uma por uma. Quando terminou o trabalho, o homem disse:

- Estou lhe ajudando, mas quero jantar com vocês.

A mulher, um tanto nervosa, respondeu:

- Claro! Vou preparar a janta o mais rápido possível.

Pegou as makukáwas, colocou quase todas dentro de um panelão para cozinhar. As poucas que sobraram, ela separou e salgou, do mesmo modo como fazem as donas de casa do povo indígena Maraguá, quando querem guardar comida para o outro dia. Temperou tudo muito bem e, sentada no banco ao lado da mesa, esperou as aves cozinhareem.

A panela passou horas e horas fervendo, mas nada da carne cozinhar.

O homem que tinha pés de pássaro, voltando do terreiro, chamou a mulher:

- Essa comida não vai aprontar? Eu estou faminto!

- Também estou. - Replicou zangado o marido, que acabara de chegar do banho. Sem se importar com a presença do estranho, ele reclamou:

- Mulher, essa comida não fica pronta nunca? Passei o dia caçando e, agora que estou em casa, tenho que esperar horas para comer a minha caça? Parece que você passou sua preguiça para o fogo. Abana rápido, pois já estou perdendo a paciência.

A mulher já estava nervosa, começou a abanar incessantemente o fogo. Abanou e assoprou tanto, que encheu a casa de fumaça. Mas deu um vento forte e desfez a fumaça no mesmo

instante. Quando a mulher olhou, o estranho havia sumido. Medrosa, correu para o marido, que estava deitado na rede:

- Meu velho, o homem sumiu.

- Ainda bem! Pelo menos, não vamos dividir nossa comida com ninguém! Sabe Deus de onde ele veio.

Então, a mulher voltou para a cozinha e ficou vigiando a comida. No que se abaixou para abanar o fogo embaixo da panela, sentiu um grande arrepio. Virou-se e viu o homem sentado lá novamente, como antes.

Com muito medo, ela continuou a abanar o fogo, mas sem deixar de olhar para o estranho. Queria preparar a janta o mais rápido possível, para o homem comer e ir embora, deixando-os em paz.



A carne, contudo, não amolecia.

O marido saiu da rede e falou:

- Nada mesmo dessa comida ficar pronta? Vou tomar pelo menos o caldo.

Ao destampar a panela, para tirar o caldo para o seu marido, a mulher viu que as makukáwas estavam de olhos arregalados. Mesmo com a água fervendo, elas continuavam cruas dentro da panela.

A mulher quase caiu de costas. O homem, faminto, nem ligou. Serviu seu prato e começou a beber o caldo. Perguntou ao estranho:

- Você não vai beber o caldo? Está tão gostoso... Pena que as porcarias dessas makukáwas não queiram amolecer.

O estranho não respondeu, quieto no seu lugar.

A mulher foi pegar água. A caminho do porto, olhou para os lados do rio e viu um bando de makukáwas voando em sua direção. Correu para casa apavorada:

- Meu velho, tem um bando de makukáwas vindo para nossa casa.

- Deixa de bobagem, mulher. Onde já se viu alguém ter medo de pássaros tão inofensivos?

Junto com os pássaros, ela ouviu um grito estranho, mistura de canto de tipuã com canto de gente, com uma voz fanhosa e bem agourenta.

O marido disse não ter ouvido nada.

- Eu vou tratar de comer. Não tenho tempo para besteiras de mulher medrosa.

Pegou algumas makukáwas de dentro da panela e comeu a carne, mesmo crua.



Passou, então, um vento forte e deu vida a todas as makukáwas que estavam tratadas. As que estavam salgadas, reviveram. Até as que ele já tinha comido, reviveram. Todas elas cantaram de uma só vez, inclusive as que estavam dentro da barriga do homem. Em seguida, os pássaros revividos saíram voando para a floresta. Só não voaram os que ele havia comido.

Mesmo com todo aquele alvoroço, o estranho de pés de pássaro continuava sentado, sem demonstrar preocupação.

– O que você ainda faz aqui? – Perguntou o caçador. – Não está vendo o que está acontecendo? Saiba que a culpa é toda sua, pois, antes de você aparecer, não havia nada disso.

O estranho, na verdade, era o bicho protetor da floresta – Makukawaguá, pai dos pássaros makukáwas.

Olhando para o caçador, respondeu:

– Vou lhes avisar. E que isso sirva de lição para vocês. As makukáwas são bichos visajentos e não podem ser mortas aos montes, por uma só pessoa. Se isso acontece, venho em visita e assombro o caçador. Ninguém pode matar mais do que o necessário. De hoje em diante, você só matará pássaro para o seu consumo, caso contrário, eu voltarei e não lhe darei perdão. Quanto à senhora, preste atenção na hora de pedir ajuda. Não fale bobagem, chamando quem não conhece. As mães-da-floresta são vingativas e não toleram gente tola. Se instigarem os espíritos da floresta novamente, volto para matar vocês.

Ao fim dos avisos, o estranho levantou e saiu para o terreiro da casa. Ali, tomou a sua forma verdadeira: um homem com cabeça de pássaro e asas negras. Alçou voo e sumiu na escuridão da noite.

No outro dia, o casal abandonou a casa e foi morar bem longe. Nunca mais o homem matou além do que necessitava para saciar a fome, e a mulher não chamou mais a quem não conhecia.



HISTÓRIA DE MAPINGUARY

Era uma vez dois caçadores que moravam na cabeceira de um rio muito distante. Vizinhos, saíam todos os dias de manhã cedo, para caçar na floresta. Faziam sempre o mesmo caminho. E só voltavam à tardinha, após conseguirem alimento.

Um dia, voltavam com fome – porque não tinham matado nenhum animal –, e vinham conversando sobre histórias de viagem, quando viram um lindo pedaço de carne pendurado numa forquilha, rente a um antigo tapiri de palha.

O homem que vinha à frente comemorou:

– Que coisa boa achar um pedaço de carne bem gorda! Não quero nem saber de quem é. Vou assar a metade para saciar minha fome.

O outro, porém, mais velho e experiente, alertou:

– Rapaz, não faça isso. Você já ouviu falar em Mapinguary? Dizem que ele anda por aí deixando carne para pessoas desavisadas comerem. A carne faz com que morram e se transformem também em Mapinguarys.

O rapaz teimou:

– Para com isso! Você acha que vou ficar com fome, com esse lindo pedaço de carne aqui? Isso não é coisa de Mapinguary. Deve ter sido alguma onça que passou por aqui e largou essa carne em cima da forquilha.

Pegou sua faca, tirou um pedaço da carne e a colocou no panelo. Continuaram a caminhada até em casa. Lá, o rapaz teimoso assou a carne. Quando estava pronta, ele convidou o amigo:

– Vamos comer, parceiro. A carne está assada.

HISTÓRIA DE MAPINGUARY

Era uma vez dois caçadores que moravam na cabeceira de um rio muito distante. Vizinhos, saíam todos os dias de manhã cedo, para caçar na floresta. Faziam sempre o mesmo caminho. E só voltavam à tardinha, após conseguirem alimento.

Um dia, voltavam com fome – porque não tinham matado nenhum animal –, e vinham conversando sobre histórias de vi-saje, quando viram um lindo pedaço de carne pendurado numa forquilha, rente a um antigo tapiri de palha.

O homem que vinha à frente comemorou:

– Que coisa boa achar um pedaço de carne bem gorda! Não quero nem saber de quem é. Vou assar a metade para saciar mi-nha fome.

O outro, porém, mais velho e experiente, alertou:

– Rapaz, não faça isso. Você já ouviu falar em Mapinguary? Dizem que ele anda por aí deixando carne para pessoas desavi-sadas comerem. A carne faz com que morram e se transformem também em Mapinguarys.

O rapaz teimou:

– Para com isso! Você acha que vou ficar com fome, com esse lindo pedaço de carne aqui? Isso não é coisa de Mapinguary. Deve ter sido alguma onça que passou por aqui e largou essa carne em cima da forquilha.

Pegou sua faca, tirou um pedaço da carne e a colocou no pa-neiro. Continuaram a caminhada até em casa. Lá, o rapaz teimo-so assou a carne. Quando estava pronta, ele convidou o amigo:

– Vamos comer, parceiro. A carne está assada.



– Não, rapaz, não vou comer, já disse para você. Se quiser comer, coma, mas eu não, porque não sei de onde vem essa carne.

O teimoso comeu e foi deitar satisfeito. Na rede, deu um sono.

Quando acordou, passava de meia-noite. Olhou ao redor, e viu que havia caído da rede. “Meu Deus! O que aconteceu comigo? Como vim parar no chão?”

Voltou para a rede. Mas era só cochilar, que vinha uma visaje e o jogava no chão. Isso aconteceu muitas vezes.

Logo que amanheceu, o homem que não tinha comido a carne levantou, como de costume, e foi cortar lenha. Em seguida, chamou o amigo:

– Rapaz, vamos embora! Está na hora, senão vamos chegar atrasados na caçada.

Mas ele não respondeu. O homem continuou a chamar:

– Rapaz, vamos pegar água no rio, para quando chegarmos não termos mais trabalho.

O rapaz dentro da casa continuava sem responder.

– Parceiro, hoje você não vai trabalhar? Está sentindo alguma dor? Será que foi a carne que lhe fez mal? Ah, parceiro, tanto que lhe avisei.

Como o amigo não respondia, o homem entrou na casa. Quando olhou dentro da rede, viu o rapaz embrulhado no lençol, só com a cabeça de fora. No rosto, tinha os olhos esbugalhados, abertos, como se estivesse espantado.

O homem tentou de novo:

– Por que você não responde?

O rapaz nem piscava. Já com medo, o companheiro resolveu puxar o lençol.

Tomou um susto, ao ver que o corpo do amigo não estava mais lá, apenas a cabeça. O Mappinguary tinha levado o corpo.

Assustado, o homem pegou a cabeça do amigo, colocou num yamaxy e foi pela estrada em busca de seus vizinhos, na direção de outros barracões.

A estrada parecia muito longa, e ele sozinho, andando com a cabeça de seu amigo, parecia que não chegava nunca. Cansado, parou no meio do caminho para tomar um pouco de água do seu balde de cuia. Bebeu e, quando olhou para trás, só ouviu o barulho da cabeça do seu amigo rolando entre as folhas secas da floresta. Assustado, levantou-se para correr, quando ouviu:

– Espere um pouco, meu amigo. Não vá ainda.

O homem parou. E, no momento em que se virou, viu a cabeça se transformando em Mapinguary. A cabeça mesmo já não existia mais. O que havia era um corpo enorme, todo peludo, com uma hedionda boca no meio do estômago, que começou a gritar e a gemer pavorosamente.

O homem saiu correndo pela floresta, tropeçando nos cipós e nos barrancos. Correu o mais que pôde, até chegar à aldeia vizinha, onde, exausto, contou aos outros o que havia acontecido. Decidiram esperar a noite e dar um jeito de afugentar o Mapinguary das redondezas.

No pôr do sol, reuniram os mais corajosos homens da aldeia e traçaram um plano.

- Quando o bicho aparecer à procura de nosso companheiro, sairemos cada um para um lado e o atacaremos armados, gritando bem alto.



Ficaram aguardando o horrível Mapinguary, pois sabiam que ainda havia nele consciência humana e, por isso, ele conhecia o caminho da aldeia. Ficaram atentos a noite toda.

No dia seguinte, como o bicho não aparecia, foram para o roçado, montaram um barracão e começaram a trabalhar.

À tardinha, quando voltavam para a aldeia, viram um grande pedaço de carne de anta. Um deles comentou:

- Deve ser armadilha do Mapinguary para pegar um de nós. Como sempre, há um incrédulo:

- Amigos, peço que me desculpem. Posso até acreditar em Mapinguarys, mas acreditar que ele pôs essa carne aqui só para nos pegar é demais.

Faminto, pegou o lindo pedaço de carne e o levou para a aldeia. Lá, assou a carne. Os amigos pediram:

- Rapaz, põe essa carne de volta onde você a pegou. Não sabe que, se comer, vai se transformar em Mapinguary?

- Que nada, pessoal. Vou mostrar a vocês que isso é bobagem. E ridicularizando a lenda, brincou:

- Mas, se eu me transformar em monstro, não se preocupem, venho pegar cada um de vocês. Um por um.

E caiu na gargalhada.

O rapaz comeu a carne. E os outros, vendo que ele não se transformava, também começaram a desacreditar. Ninguém notou, mas, na verdade, o moço sumiu. No dia seguinte, outro rapaz pegou um pedaço da carne e comeu. E assim, a cada dia, um deles virava Mapinguary e ia embora. Os que continuaram acreditando na história, vendo que os companheiros sumiam, ficaram assustados. Resolveram, então, voltar para a aldeia.

No caminho, os Mapinguarys – seus antigos amigos – apareceram para persegui-los. Atentos aos gritos dos demônios, os homens correram o mais depressa possível, até chegar a suas casas.

Lá, contaram aos moradores o que havia acontecido. Os familiares dos incrédulos choraram muito. E alguns filhos, inconformados com a perda dos pais, decidiram ir buscá-los. Não importava como, queriam trazê-los de volta e transformá-los novamente em gente.

Reuniram-se e entraram na floresta. Andaram por muito tempo e passaram por vales escuros. Viam frequentemente pedaços de carnes pendurados em galhos, mas, como sabiam da história, não os comiam.

Com muita fome e cansados de tanto procurar seus pais, já estavam desistindo, quando um deles deu a ideia de entrar num caminho fechado. Um outro respondeu:

– Não, jamais entraremos aí, porque pode ter cobra.

Então decidiram que uns ficariam esperando. Os outros, os mais corajosos, entraram e andaram até avistar fumaça:

– Vamos ver o que é. Se forem caçadores, pediremos comida, pois estamos para morrer de fome.

Chegando perto, sentiram um forte fedor.

– Nossa, que cheiro insuportável! Deve haver algum bicho morto por perto.

Assim mesmo, continuaram. Quando perceberam, estavam diante de uma grande maloca, toda fechada, em que havia só uma portinha escura. Começaram a chamar:

– Tem alguém aí? Estamos precisando de ajuda.



Ninguém respondia. As horas passaram e eles aguardaram até escurecer.

De repente, ouviram pegadas bem fortes:

– Será que é algum bicho? Vamos preparar nossas armas.

Procuraram um tronco de árvore e se esconderam.

Nisso, ouviram vozes. E perceberam, em meio à escuridão, vultos enormes semelhantes a Mapinguarys.

Alegres e ao mesmo tempo temerosos, decidiram esperar amanhecer para ver se realmente eram seus pais que moravam ali. Passaram a noite inteira acordados. Quando raiou o dia, e puderam enxergar melhor, entraram na maloca.

Assustaram-se ao ver seus pais dormindo nas redes. Um dos rapazes tropeçou e acordou os homens. Chateados, eles perguntaram:

- Quem são vocês? O que fazem aqui?

- Não nos reconhecem? Somos nós, os seus filhos. Viemos buscá-los.

- Ah, sim. Agora os reconhecemos.

Então se abraçaram. Mas os pais, preocupados, pediram aos filhos que fossem embora.

- Vocês não podem ficar aqui.

- Só sairemos daqui com vocês.

- Não podemos ir. Somos agora moradores da mata. Temos outra missão, que é a de defender a floresta na forma de Mapinguarys.

Os rapazes, felizes por terem encontrado seus pais, insistiram:

- Se vocês não forem, nós vamos ficar.

- Não, vocês não podem ficar. Já está escurecendo, e, quando chega a noite, nós nos transformamos em monstros. Esquecemos de tudo e podemos até comer vocês.

Os filhos atenderam. Menos um teimoso:

- Eu não vou, ficarei com vocês assim mesmo.

O pai do teimoso insistiu:

- Está escurecendo, é hora de irem embora.

Os outros rapazes, preocupados e com medo, concordaram:

- Vamos embora. Ouvimos o que eles disseram, que esquecem de tudo e podem nos comer.

E realmente, quando olharam, os seus pais estavam se transformando em Mapinguarys. Pensaram em correr, mas não deu

tempo. Tiveram que se esconder atrás de uma árvore próxima. Menos o teimoso:

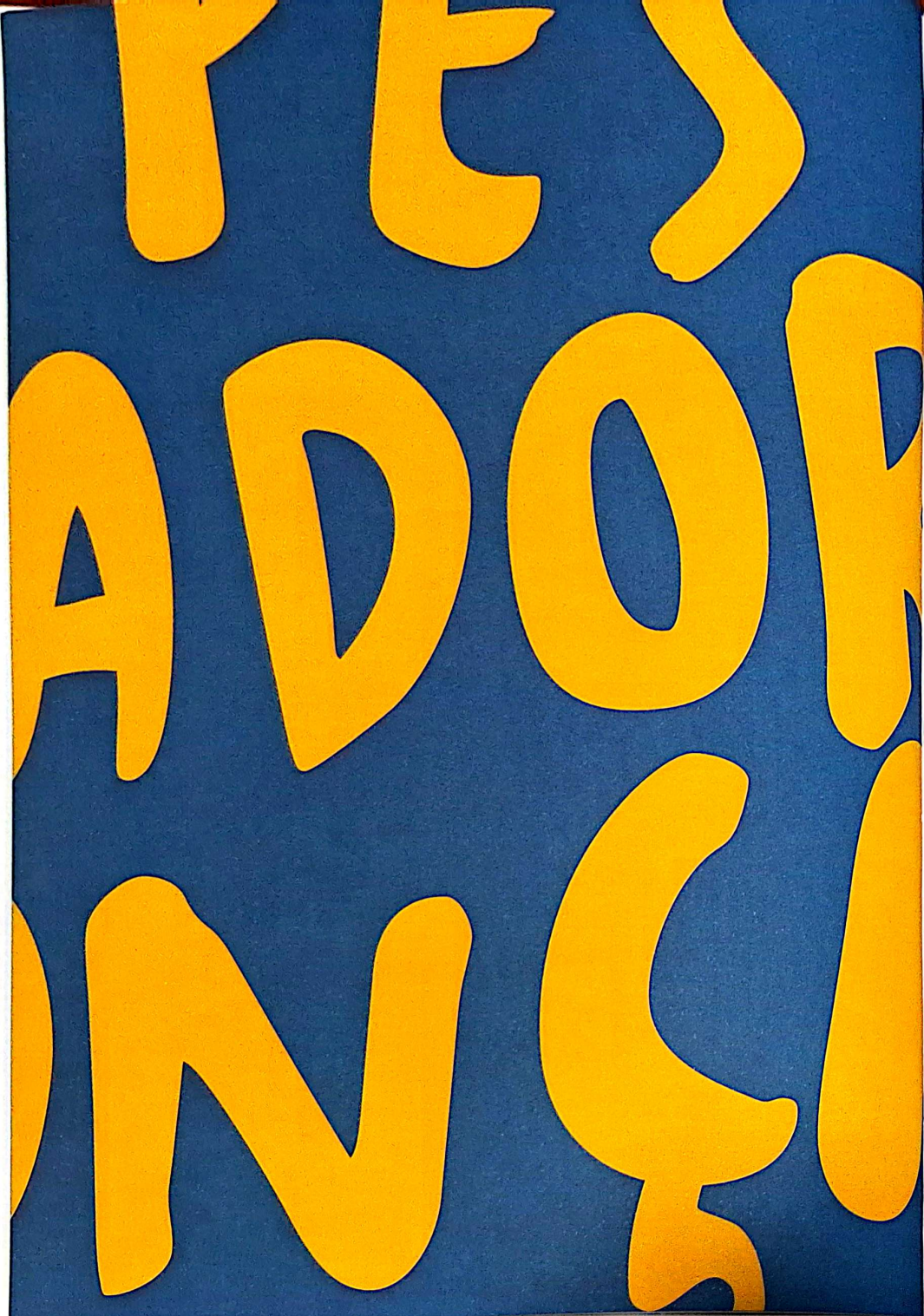
- Não vou me esconder. Ele é meu pai e não vai me comer.

Ficou esperando seu pai sair da maloca.

Quando o bicho saiu, não reconheceu o filho. Lançou-se contra o rapaz e o devorou. Então vieram outros Mapinguarys e perseguiram os outros homens, que saíram correndo. Chegaram até os companheiros que os aguardavam, voltaram para a aldeia e nunca mais teimaram em procurar seus pais.

Até hoje na floresta, quando se encontra qualquer resto de carne ou frutos, ninguém pega, com medo de se transformar em Mapinguary.





O PESCADOR E A ONÇA

Certo homem estava doente de malária e, como se não bastasse, vivendo numa região muito distante, não tinha comida para seus filhos. Vendo a família passar fome, resolveu sair para pescar.

Mesmo com febre, pegou a sua canoa e remou até uma restinga, à margem do rio. Não encontrou anzol. Então se pôs a fazer flechas, mas, debilitado como estava, não conseguiu aprontá-las. Sentado na canoa, ele se pôs a pensar numa maneira de pegar peixes.

“Já sei! Esse é o único jeito de eu pegar peixes para minha família.” Tirou a roupa e, com um galho de pau, desceu da canoa. Com a água até a coxa, começou a bater o galho com cuidado.

Ficou esperando.

Nisso, passava um cardume de matrinxã.

O homem, convicto de que pegaria alguns peixes, concentrou-se na pescaria, quando sentiu algo por trás, mexendo em seus testículos. De pronto, teve medo de olhar. Mas, juntando coragem, virou a cabeça vagarosamente e se deparou com uma imensa onça, brincando numa parte do corpo tão essencial. Consciente do risco que corria, começou a chorar.

Olhou tristemente para a onça e pediu:

– Onça, por favor, tenha pena de mim, estou doente e meus filhos não têm nada para comer. Sou um pobre coitado, onça, não me coma.

O caçador falava de costas para a onça, e seu soluço tremia sua voz, deixando-a mais triste ainda. Quando resolveu se virar de novo e encará-la, esperando o golpe fatal, espantou-se ao ver a onça com os olhos cheios d’água.



A onça também estava chorando. E as suas lágrimas, ao caírem, faziam os peixes se aproximarem, sendo pegos pelo homem.

Não demorou, e como se entendesse a situação do pescador, a onça parou de brincar com seus testículos e voltou para a floresta. Ele, feliz da vida, vestiu sua roupa, pegou a canoa e foi embora.



Em casa, o homem levou os peixes para o jirau. Sua mulher, muito feliz, tratou deles e cuidou de fazer o fogo para assá-los. E, quando os peixes ficaram prontos, a família se arrumou para comê-los.

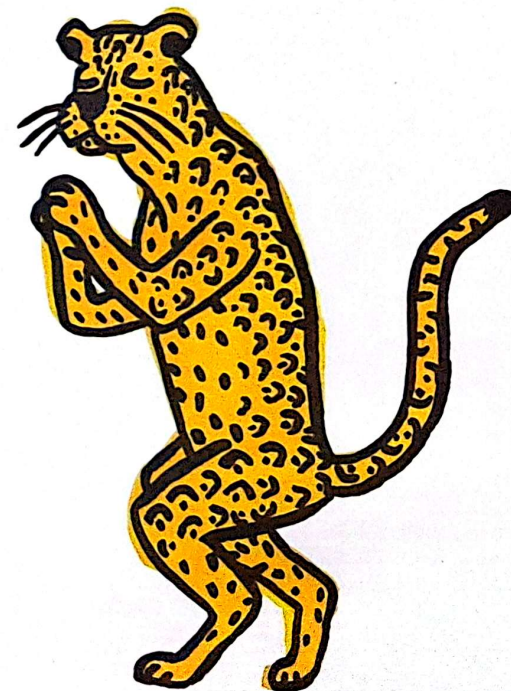
Antes, o homem orou.

Na oração, fechou os olhos e começou a agradecer pelo alimento. Nisso, sentiu novamente algo estranho fungando em suas costas. Quando olhou para trás, lá estava a onça. Com as mãos juntas, ela também agradecia pelo alimento, que seria ele.

Mais uma vez, o homem pediu à onça que tivesse pena dele, e ofereceu um de seus peixes a ela. A onça, muito compreensiva e faminta, aceitou. Sentou ao seu lado e juntos saborearam as matrinxãs assadas.

A onça foi para a toca contente. Ela e homem se tornaram muito amigos.

A partir de então, só pescavam juntos.





O BICHO E O CASAMENTO

Um homem tinha quatro filhas. Todas muito bonitas, e, por isso, muito cortejadas pelos rapazes do lugar. Mas o homem e sua esposa tinham um pacto de nunca deixar suas filhas se casarem.

Vários rapazes tentaram se aproximar das moças, mas sempre desistiam, por um motivo até então nunca explicado.

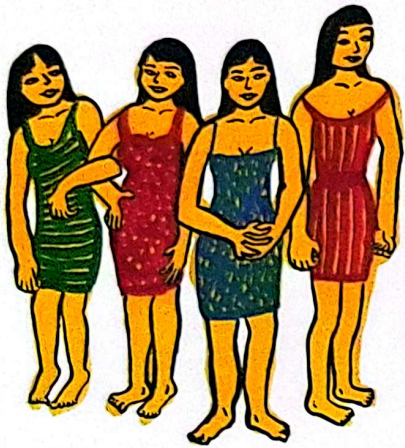
Certa vez, um jovem caçador muito esperto chegou à aldeia e se apaixonou por uma das filhas do homem. Após alguns dias a cortejando, foi até o pai pedir para namorar a menina.

Como resposta, o homem propôs ao jovem que fosse à mata caçar um monstro, que estava acabando com a sua plantação de mandioca. Se, em uma semana, ele não conseguisse matar o bicho, não ia poder namorar a moça; mas, se o matasse, podia até casar com ela.

Como era corajoso, o rapaz ficou contente, pois matar bicho, para ele, não era tarefa difícil. Estava acostumado a matar onça, cachorro-do-mato, cobra çukurijú... Mas o pai fez outra exigência:

– Você não deve levar espingarda nem flecha, e muito menos lamparina.

Assim aconteceu. No primeiro dia da semana, o rapaz, desprovido de arma e de luminária, entrou na floresta rumo à roça onde deveria pegar o bicho. Chegando lá, aprontou um mutá, sentou, esperou, mas nada aconteceu. Naquela noite, ele só ouviu os barulhos da mata e viu escuridão. Ao raiar do dia, levantou-se e voltou para casa.



Na segunda noite, ele foi de novo para a roça. Como na primeira vez, não viu nada além de escuridão. Já estava desconfiando que o tal bicho era invenção do pai da moça para afastá-lo da filha. Mas, mesmo desanimado, retornou à roça pela terceira vez. Foi sem receio, pois estava certo de que não ia encontrar nada.

Enganou-se.

Era lua cheia e, pela intensidade do luar, o rapaz percebeu que a mata estava muito assustadora. As sombras e as raízes se davam formas estranhas, que ele não conhecia. Com muita imaginação, pôs-se a olhar para os lados, quando ouviu um gemido.

Tentando manter a coragem, andou mais um pouco, até se deparar com a sombra de um grande animal. O rapaz quis se achegar, mas teve medo. Só pôde ver a forma da fera: unhas longas, pelo nas costas, orelhas pontudas, rabo comprido e pés iguais aos de veado. O rapaz ficou tão assustado, que saiu correndo e foi para a casa do sogro contar o que havia acontecido.

- Meu sogro, eu fui à sua roça e vi um bicho muito esquisito. Fiquei com tanto medo, que me arrepiei todo e vim embora contar o que vi.

O sogro então falou:

- Como pôde deixar o bicho escapar? Ah, você não é de coragem!

- Sou corajoso, meu sogro, mas bicho como aquele, nunca tinha visto.

Nesse momento, chegou a mulher do homem, suada e cansada. Depois de se banhar e descansar, chamou o marido para dentro do quarto e falou:

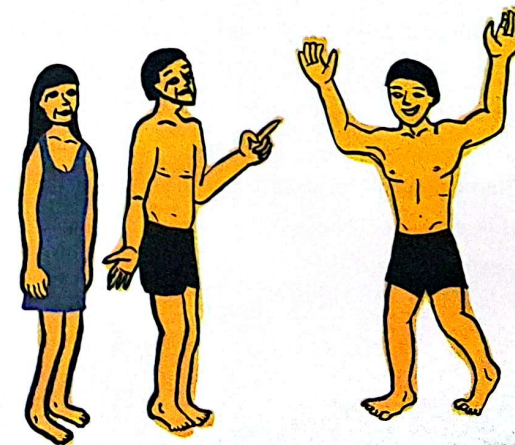
- Não será dessa vez que nossa filha vai se casar, marido. Esse caçador é como os outros, medroso que só vendo.

Aborrecido, o homem chegou na sala e mandou o rapaz ir embora.

- Você não tem coragem. No entanto, o prazo que lhe dei é de uma semana e, por isso, não posso ainda desfazer nosso contrato.

Quando faltavam quatro dias para o fim do prazo dado ao jovem para provar sua valentia, a moça apaixonada pediu a ele:

- Por favor, você precisa matar o bicho, senão o papai não vai deixar a gente casar.



O
b
i
c
h
o
e
o
c
a
s
a
m
e
n
t
o

O jovem foi dormir e acordou cedinho no outro dia. Enquanto se banhava no rio, pensou na jovem: "Preciso me casar. É hoje que eu mato o bicho".

Preparou-se e foi esperar o bicho em cima de um mutá, que armou próximo ao caminho da roça. Perto da meia-noite, ele viu o monstro se aproximar. Por uns minutos, o bicho ficou parado, farejando, sem saber que o rapaz o observava.

Nesse momento, lembrando do pedido da moça, o homem se encheu de coragem e pulou no pescoço do bicho.

O bicho deu pinote, fez força, engasgou-se e, finalmente, conseguiu fugir.

O rapaz se preparou mais uma vez para ir à roça, caçar o bicho. Aquela noite seria a sua sorte. Agora, ele sabia que o tão temido bicho não era lá aquelas coisas. Se usasse mais força, iria capturá-lo.

O rapaz esperou em outro caminho.

Deu meia-noite, o bicho voltou a aparecer, mas gritando mais fraco do que das outras vezes. O caçador, confiante, veio por trás dele e deu-lhe uma cacetada. Pulou mais uma vez em seu pescoço e disse:

- Desta vez, você não me escapa.

Saltou nas costas dele e, depois de horas de luta, matou o bicho.

Contente, colocou o monstro no ombro e o levou para a casa do sogro. Ao chegar lá, pôs-se a gritar pela moça e pelo pai:

- Minha noiva! Meu sogro! Vejam aqui! Finalmente, eu matei o bicho que tanto lhes afligia.

O pai correu desesperado.

- Você matou o bicho? Não acredito.

- Sim, eu o matei e agora a sua filha será minha esposa.

Então o homem começou a chorar em cima do corpo do monstro, que, já morto, começou a se transformar em mulher. Dessa maneira, as filhas descobriram que o tão temido bicho era sua própria mãe.

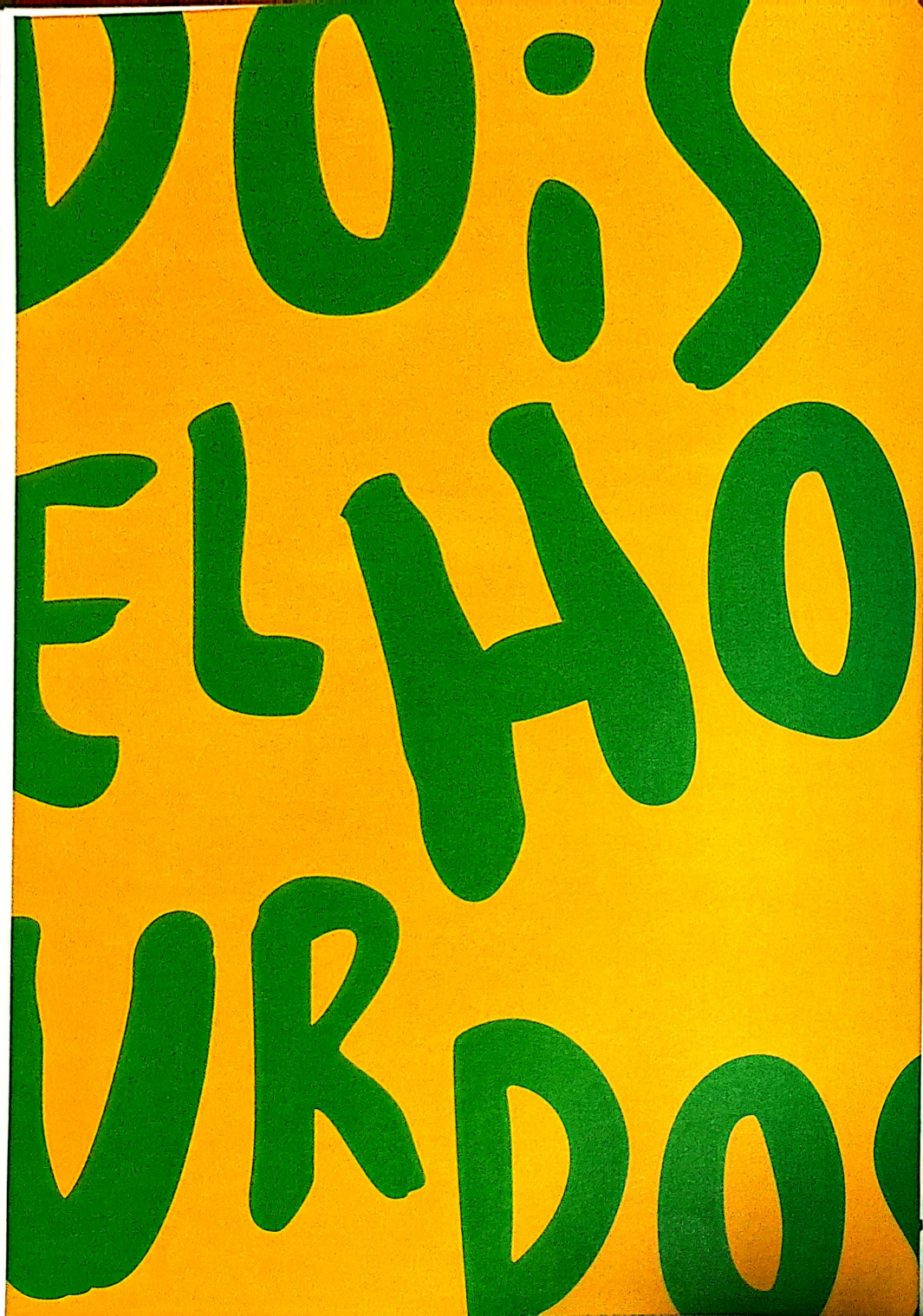
As filhas ficaram tristes, mas a alegria era maior. Festejaram o desaparecimento do bicho que fazia todos os seus pretendentes desistirem de casar com elas.

O pai, depois de enterrar o corpo da mulher, saiu para a mata e nunca mais voltou. Dizem os antigos que ele deixou de ser gente para sempre. Vive a rondar a aldeia para assustar rapazes que desejam namorar ou pedir as moças em casamento. Também dizem que os pais que não deixam suas filhas namorar correm o risco de se transformar em monstros, que podem andar em pé ou andar de quatro - como homem e como animal.



O
b
i
c
h
o
e
o
c
a
s
a
m
e
n
t
o

L
E
N
D
A
S



DOIS VELHOS SURDOS

Numa aldeia distante, onde havia muitos moradores, as pessoas conheciam histórias de visaje, mas nem tanto. Ninguém naquele lugar tinha visto nenhuma manifestação sobrenatural. O pajé dizia que a aldeia era abençoada e, por isso, impossível nela aparecerem visajes. A maioria sabia de casos acontecidos noutros lugares, que as pessoas contavam ao pôr do sol, como é o costume do povo indígena Maraguá. Mas era só.

Até que, de certo dia em diante, o que parecia impossível, aconteceu.

Visajes de todos os tipos e espécies passaram a rondar a aldeia e a assombrar os moradores. Mesmo quem nunca havia ouvido história de visajes, agora tinha medo delas. Todo dia, circulavam casos de fantasmas, bichos que apareciam no porto, na roça, dentro de casa à meia-noite. E cada vez que alguém ficava sabendo de uma visaje, mudava-se dali para um outro lugar, uma outra aldeia. Família por família, todas foram indo embora. Aos poucos, a aldeia ficou vazia.

Nessa aldeia, morava um casal de velhinhos muito bondosos. Tratavam bem as pessoas, faziam remédios e curas de pajelança. Porém, quase surdos, conversavam em voz alta e tinham dificuldade de ouvir as notícias que corriam. Não consideravam isso um problema, mas, a cada dia, ficavam mais surdos. E, como não ouviam as histórias de visajes como os demais, no que perceberam, estavam sozinhos. Em todas as cercanias da aldeia, não havia mais ninguém para lhes fazer companhia.

Então o velho falou para a velha:

- NÃO SEI POR QUE TODOS FORAM EMBORA, MAS NÃO VAMOS SAIR DAQUI. ESSE É NOSSO LUGAR E ONDE MORREREMOS, QUANDO CHEGAR NOSSA HORA.

- SIM, MEU VELHO, VOCÊ TEM RAZÃO. NADA NOS FARÁ SAIR DAQUI.

E continuaram a morar na aldeia.

Um dia, o velho convidou:

- VAMOS À BEIRA DO RIO TOMAR BANHO?

Banharam-se no porto da aldeia e voltaram para casa, alegres como sempre. O velho, sentindo fome, perguntou:

- O QUE TEMOS PARA COMER?

- NÃO TEMOS NADA! - respondeu ela.

- ENTÃO VOU PEGAR ALGUNS PEIXES PARA O JANTAR. FIQUE FAZENDO O FOGO, POIS VOLTAREI LOGO!

Pegou sua canoa e foi. Chegou ao lago, flechou dois tucunarés, ficou contente e voltou para casa. Colocou os peixes em um jirau próximo e falou com voz bem alta:

- VELHA, AQUI ESTÃO OS PEIXES!

Como ouvia cada vez menos, ela respondeu:

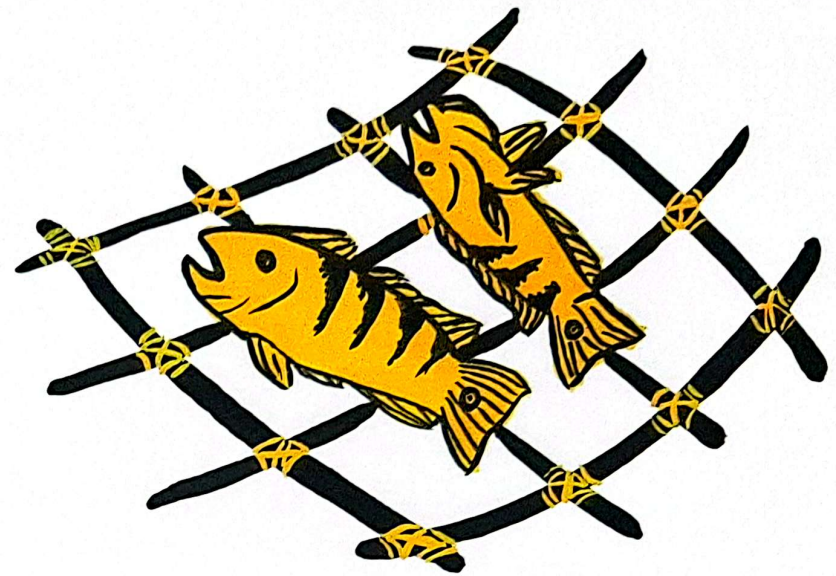
- O QUÊÊÊÊ??!!!

O velho repetiu:

- OS PEIXES ESTÃO NO JIRAU. PEGUEI DOIS BELOS TUCUNARÉS.

Só depois que ela os viu, é que foi limpá-los e colocá-los para assar no fogão de lenha, que havia feito para a ocasião. Assou os peixes e chamou:

- VENHA COMER, VELHO, A JANTA ESTÁ PRONTA!



- O QUÊÊÊÊ??!!!

Ela repetiu:

- VENHA JANTAR. ESTÁ PRONTO. OS PEIXES ESTÃO ASSADOS!

Finalmente, o velho entendeu. Jantaram, lavaram as mãos e sentaram em suas redes. Era luar. O silêncio da surdez, que os limitava, também os fazia amigos da lua. Começaram, então, a conversar bem alto.

Depois se calaram.

Estava tudo escuro.

De repente, surgiu um brilho um pouco distante.

No início, estava imóvel, mas, depois, deslocou-se na direção do porto. O velho sentou em sua rede e ficou prestando atenção.

Ao observar a luz, notou que ela ficava mais forte a cada minuto. Por um instante, apagou-se, mas logo voltou com mais intensidade, iluminando o caminho, já perto da casa.



Assustado, o velho pegou na beira da rede de sua mulher e murmurou:

– Velha, tem alguém focando ali.

Mais que depressa, ela se sentou e, sem entender o que o velho dizia, perguntou:

– O que está acontecendo?

Como ele não a ouviu, falou novamente:

– **VELHA, TEM ALGUÉM FOCANDO ALI.**

Ela continuou a perguntar:

– **O QUE DISSE?**

O velho voltou a falar:

– **TEM ALGUÉM FOCANDO ALI.**

Finalmente, a velha entendeu. E, quando olhou, o fogo já estava perto. Então, sem poder fugir, trancaram a porta do quarto, abraçaram-se e ficaram esperando para ver o que aconteceria.

Eram duas visajes, que começaram a bater na porta.
– Abram esta porta, senão vamos arrombá-la e comer vocês!
Os velhos, como não escutavam, continuaram em total silêncio.
A visaje continuou batendo: pá, pá, pá...
– Estamos famintos, se não abrirem a porta, vamos comer vocês.

Mas nada de os velhos ouvirem.

As visajes já estavam em dúvida: “Será que tem alguém aqui?”

– Vamos tentar pela última vez. Se ninguém atender, vamos embora.

Os velhos não abriram e as visajes partiram.

Bem devagar, o marido olhou para o porto, pela brecha da janela do quarto, e viu o fogo indo longe.

– **VELHA, VENHA VER, OS BICHOS ESTÃO INDO.**

A mulher, sem ouvir nada, perguntou:

– **O QUE ESTÁ ACONTECENDO?**

Para que ela entendesse rápido, o marido a pegou pelas mãos e a levou para ver com ele. Feliz da vida, a mulher se empolgou e, com a voz bem alta, falou:

– **OLHA, MARIDO, FORAM EMBORA.**

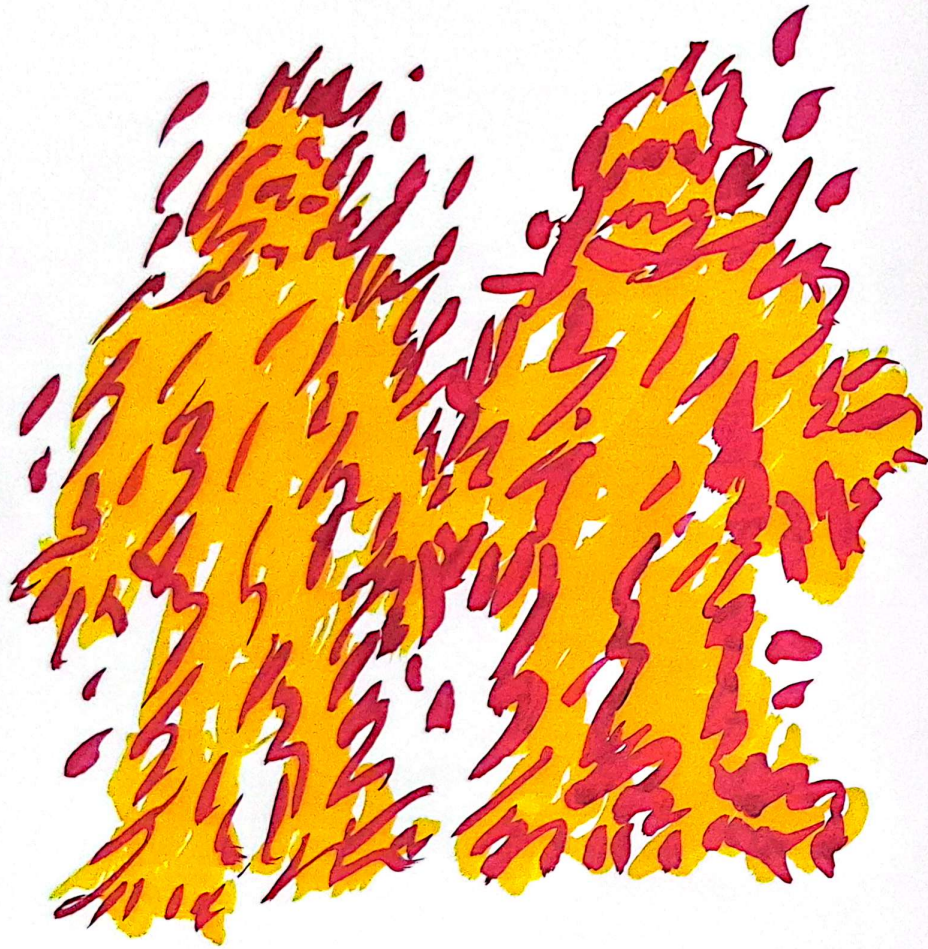
– **FOI O QUE EU DISSE, MINHA VELHA. OS BICHOS FORAM EMBORA!**

Nisso, as visajes, que já iam longe, ouviram as vozes dos dois.

– Vamos voltar, tem gente naquela casa.

Os velhos continuavam olhando, quando notaram que os fogos se aproximavam novamente. O velho, assustado, avisou à mulher:

– **VELHA, ESTÃO VOLTANDO. SERÁ QUE OUVIRAM NOSSAS VOZES?**



- MAS ESTAMOS FALANDO TÃO BAIXO.

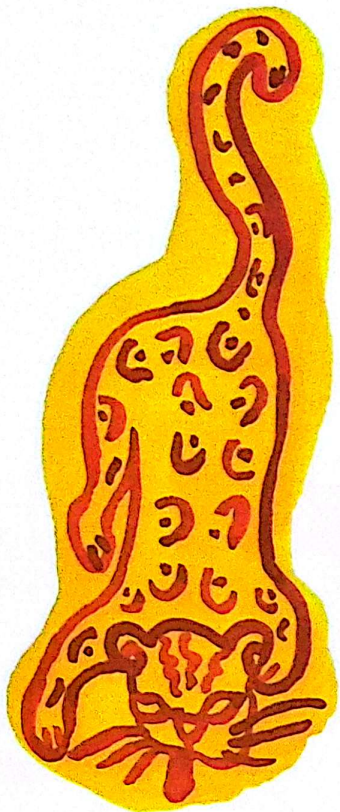
E com voz bem alta, o velho mandou:

- VAMOS NOS ESCONDER.

Os bichos, impacientes, chegaram e empurraram a porta com força. Os velinhos ainda tentaram se esconder no canto do quarto, mas foram pegos e mortos pelas visajes.

Dias depois, pescadores chegaram à aldeia para visitar os velinhos. Entraram na casa e viram tudo desarrumado. Chamaram por eles, mas os encontraram torrados pela quentura das visajes.

Foram embora assustados e nunca mais ninguém voltou a morar naquela comunidade, que passou a ser chamada de "a comunidade assombrada dos velinhos".



POSFÁCIO

Os povos indígenas Maraguá e Sateré-Mawé são dois povos diferentes, mas ligados por uma cultura próxima e por anos de história comum. Muitos fatores fazem deles povos irmãos. A começar pelo lugar onde vivem: a região do Baixo-Amazonas, entre os estados do Amazonas e do Pará. Houve ainda a miscigenação entre os integrantes dos dois povos. O próprio autor é filho de pai Sateré e mãe Maraguá.

Neste livro, todos os contos são da cultura Maraguá. Deixam claro por que esse povo é conhecido pelos ribeirinhos como o povo das histórias de assombração, tal o gosto que tem em contar casos de fantasmas. Entre seus principais legados culturais está um tipo de luta chamado Piãguá (jogo, em Maraguá) e o ritual de passagem Wakaripé. Na Piãguá, dois jovens se enfrentam dentro de um círculo grande, dentro do qual há outros dois círculos menores, para medir força, rapidez e leveza. Precisam lutar sem pisar em cima dos círculos, tentando jogar o adversário de costas no chão. A luta tem objetivo político: contestar a posição do líder e conquistar a liderança, vencendo. O líder, contudo, pode escolher alguém para lutar por ele. Atualmente, os torneios são muito praticados nas festas tradicionais do povo Maraguá.

Apesar de ter origem Aruak, o povo Maraguá foi tão vinculado ao Sateré-Mawé, e por tanto tempo, que chegou a ser confundido com ele. No entanto, é um povo independente, com um idioma próprio, mistura de Sateré, língua-geral e Aruak, chamado de Maraguá ou Maraguanhe'eng.

O nome do povo significa “gente do cacete”, porque os índios usam o tacape como principal arma. Seu símbolo mais importante é o Guarunguá ou peixe-boi. Os Maraguás sobrevivem da pesca, da caça e da agricultura. Estão socialmente divididos em seis clãs mais importantes: Çukuyegué, Aripunãguá, Tawatoguá, Piragêguá, Piraguáguá e Yaguareteguá. Seus objetos sagrados incluem o totem denominado Mõdagará, erguido em meio ao terreiro central de cada aldeia.

Os Maraguá moram na área indígena Maraguapajy, no rio Abacaxis, entre os municípios amazonenses de Borba e Nova Olinda do Norte. Atualmente, vivem em apenas quatro pequenas aldeias, com cerca de 250 pessoas na área. Como é uma zona de conflitos entre índios e madeireiros, que têm provocado mortes na população, há quem tenha partido para outras cidades, em busca de melhor qualidade de vida.

Mitos e lendas

Mais recentemente, as histórias desse povo, mantidas ao longo do tempo pela tradição oral, passaram a ganhar uma nova forma de registro, os livros. Nesta edição, os contos foram divididos em mitos e lendas.

Os mitos explicam a vida e as leis da natureza, reverenciam a bravura, a verdade. São matéria de fé e traduzem valores sagrados. Os seus princípios se articulam com a religião tradicional, chamada Uru-tópiag (“nossa crença”).

As lendas também têm caráter mágico, mas não tratam de figuras ou elementos sagrados. As narrativas, criadas há centenas de anos, revelam grande expressividade oral, e contam da rotina das tribos, dos medos, dos conflitos, muitas vezes com razoável dose de humor. Experimente-se, por exemplo, ler em voz alta o conto “Os dois velhos surdos”.

Sateré-Mawé

Os Sateré-Mawé pertencem à etnia Tupi-Guarani. O primeiro nome, Sateré, significa lagarta de fogo e faz referência a um importante clã tribal, de tuxauas, ou líderes políticos. Já Mawé quer dizer papagaio curioso. Originalmente, dividia-se em vários clãs ou grupos tribais. Os Sateré-Mawé habitavam uma região na fronteira dos estados do Amazonas e do Pará, conhecida como Mawézia – área que chegou a abranger os municípios de Parintins, Barreirinha, Boa Vista do Ramos e Maués, no Amazonas, e Itaituba e Aveiro, no Pará. Atualmente, ocupam apenas um terço dessas terras, demarcadas pela Funai com o nome de Área Indígena Andirá-Maráw. São conhecidos como o “povo do guaraná” porque foram os primeiros a fazer o seu beneficiamento, e têm sua história intimamente associada à planta. A coleção de histórias do Sateré-Mawé inclui mitos, lendas, fábulas, e é chamada Sehaypóri. Essa literatura de base principalmente oral e seus símbolos estão gravados no Poratig, o remo sagrado e eixo da identidade cultural do povo. Trazem os valores e as crenças transmitidas há gerações, do mesmo modo que fazem as festas e rituais tradicionais. Outras obras de Yaguarê reúnem contos e lendas desse povo.

GLOSSÁRIO

Língua Regional Amazônica

Anhãga: Entidade maligna.

Bichos visagentos: No linguajar amazônico, todo tipo de animal propenso à manifestação de demônios, segundo a religião Urutópiãg, dos Maraguá e Sateré. Bichos visagentos.

Comedias: Lugar onde caem frutos procurados por animais de caça.

Focar: Alumiar, iluminar.

Jirau: Estrado de varas.

Mutá: Assoalho em cima de galhos de árvores, feito para acomodar o caçador, enquanto ele espera a caça.

Mapinguary: Ser mitológico Maraguá. Entidade maligna da floresta, com o corpo coberto de pelos e a boca no estômago.

Porôga: Luminária, lamparina.

Visaje: No linguajar amazônico, visagem, fantasma, assombração.

Maraguá

Çapopema: Sapopema. Raiz grossa e chata.

Çukurijú: Variedade de cobra sucuri.

Çukuyê: Atualmente, os Maraguá são divididos em clãs, simbolizados por animais, que representam cada família: Aripunã (vespa), Tawató (gavião), Yaguareté (onça), Cukuyê (cobra sucuri), Pirakê (peixe elétrico), Ag'wã (mutum), Piraguá (boto).

Kãwéra: Esqueleto velho. Ser da mitologia Maraguá, metade homem, metade morcego. Surgiu da espécie original Zorak, nome dos homens-morcegos

criados por Anhãga, o deus do mal, para perseguir os Maraguá. Dizem que Zorak foi extinto e só sobrou um, Ezamume. Da união dele com uma mulher, nasceram os Kãwéras.

Kayawé: Espécie de palmeira e também o seu fruto. Nome de um lago.

Makukáwa: Pássaro amazônico que, segundo a religião Urutópiãg, dos Maraguá e Sateré, é um dos bichos visagentos.

Makukawaguá: Espírito protetor do pássaro makukáwa.

Tapity: Cabana, casa de palha provisória ou temporária.

Tipuã: Ticuã. Pássaro amazônico considerado agourento.

Titãga: Palavra que exprime espanto, admiração. Caramba!

Yamaxy: Paneiro, cesto de carga feito de cipós titika e ambé.

O AUTOR

Yaguarê Yamã nasceu no Amazonas. Formou-se em Geografia pela Unisa, em São Paulo, onde lecionou no ensino público por dois anos e iniciou sua carreira de escritor. Em 2004, retornou ao seu estado natal e organizou o projeto "de volta às origens", cujo objetivo era a conscientização, revitalização cultural e a luta pela demarcação das terras do povo indígena Maraguá.

Atualmente, mora no município de Nova Olinda do Norte (AM), onde continua dando aulas de Geografia, escrevendo livros e atuando no movimento indígena, como líder Maraguá.

Seu trabalho como ilustrador e artista plástico pode ser visto em seus livros e em exposições. Participou da obra "Brasil 500 anos", da escultora Maria Bonomi, no Memorial da América Latina.

É autor de dez livros, entre eles *O caçador de histórias*, que recebeu o prêmio Altamente Recomendável, pela Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ); e *Sehaypóri*, selecionado pelo catálogo White Ravens para a Biblioteca de Munique e para a Feira de Bolonha.

E-mail para contato: yaguare@yahoo.com.br

A ILUSTRADORA

Luana Geiger sempre gostou de desenhar, e, desde criança, prestava atenção nas ilustrações dos livros que lia. Estudou Arquitetura na USP e Mídias Interativas no Senac. Está no mercado editorial desde 2001, com livros publicados pelas editoras Cosac-Naify, Companhia das Letrinhas, Saraiva, Oficina de Textos, Hedra e Peirópolis. É membro da Sociedade dos Ilustradores do Brasil (SIB) e colaboradora da revista Pesquisa da FAPESP desde 2007. Recebeu o Prêmio de melhor trabalho em 1999 no Projeto Nascente 9, no Centro Universitário Maria Antônia. Em 2002, participou do catálogo *Images 26* da AOI, Londres, UK. Em 2004, realizou documentação fotográfica e ilustrações no evento Em Trânsito pelo Instituto Goethe e Centro Português de Design, Lisboa, Portugal. Desde 2005, participa do fanzine *Charivari*, contemplado pelo programa Conexão Artes Visuais MinC/Funarte/Petrobras em 2007. Em 2009 e 2010, realizou painéis de ilustração e ambientações para as unidades do Sesc Pompeia, Pinheiros, Vila Mariana e CineSesc.

PERTO DOS ESPÍRITOS, DOS BICHOS E DOS ANCESTRAIS

Entrevista com Yaguarê Yamã

O que você faz aí na floresta?
Moro na floresta porque é a minha casa, de onde retiro minhas inspirações, como ativista indígena, como escritor e como ilustrador.

Ser índio é ser mais brasileiro?
Não. Ser índio é ser mais um brasileiro mesmo. Um brasileiro com uma cultura e uma sociedade diferente.

Esses contos da floresta são da sua imaginação ou são a reprodução fiel de lendas pesquisadas e recontadas do povo Maraguá? São histórias que seus avós e bisavós contavam?

Algumas histórias são criadas por mim, como contador de histórias que sou, filho de famosos contadores de histórias. Outras, eu contei e escrevi do meu jeito, amparado em histórias tradicionais e narrativas dos antepassados.

Ser índio hoje é...
Lutar por um lugar em meio à multidão, sem esquecer nunca as raízes adquiridas na aldeia. Também é o conhecimento de si mesmo, e, mesmo com a influência externa, não se se-

parar da vivência simples da ancestralidade.

O que você mais deseja para o seu povo?
Desejo que o meu povo cresça, prospere e se multiplique, sempre amparado nas raízes da ancestralidade. É isso que identifica o indígena, e o que nos mantém unidos à mãe natureza.

Para aonde vai o Brasil?
Como geógrafo, acredito que o Brasil tenha um lugar muito importante no futuro da humanidade. Para os brasileiros, só tende a prosperar. Mas, quanto aos indígenas, gostaria que o Brasil se reconhecesse mais como fruto dessa nossa ancestralidade.

Pintar o corpo é...
É se identificar com a natureza e buscá-la, de acordo com a crença que nos move. É uma referência à união com os espíritos naturais e com a cultura de nosso povo.

Valores mais importantes da vida?
Simplicidade, união, companheirismo, fidelidade e honestidade.

Quais são suas principais fontes de inspiração para escrever?

A cultura de meu povo, do qual descende minha esposa; e o meu rio Guarinamã, que é igual ao meu sangue, fruto do misticismo Maraguá.

Do que você mais gosta e do que menos gosta na cultura do 'homem branco'?

Gosto das novas tecnologias, que facilitam tanto a nossa vida. Do que menos gosto é do apego às coisas materiais e à ideia de que tudo tem um dono, diferente do pensamento do meu povo, de que a terra é de todos.

Você não viveria sem...
Sem a minha família e sem o meu povo Maraguá. Também não vivo sem Deus e sem a fé nele.

O que é a morte?
Um sono profundo, em que não poderei fazer nada. Por isso, aproveito a vida fazendo o melhor que posso, e ajudando a quem precisa.

Se tivesse que escolher um, qual ensinamento passaria para as crianças brasileiras?

Valorizar os pais, pois é a eles que devemos a nossa existência. E também o apego aos valores espirituais, porque, sem eles, não somos nada que possa ser digno de bençãos de Deus.

Nos seus contos, gente e bicho parecem se tratar de igual para igual. É assim?

Faz parte da cultura do meu povo a igualdade entre os seres e o respeito mútuo. É uma das dádivas do criador darmos tanto valor aos animais, quanto ao nosso irmão.

A natureza é sagrada para o povo Maraguá?

Não tem como separar o sagrado do natural, pois é onde vive o espírito mãe e o espírito ancestral, que nos dá a essência, como seres filhos da natureza.

Copyright © 2011 texto Yaguarê Yamã
Copyright © 2011 ilustração Luana Geiger

Editora
Renata Farhat Borges

Editora assistente
Lilian Scutti

Produção editorial e gráfica
Carla Arbex

Projeto gráfico e capa
Maristela Colucci

Preparação e revisão
Verônica Couto

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Yamã, Yaguarê
Contos da floresta/Yaguarê Yamã;
ilustrações Luana Geiger. -- 1. ed. --
São Paulo: Peirópolis, 2012.

ISBN 978-85-7596-133-9

1. Contos indígenas brasileiros - Literatura infantojuvenil
I. Geiger, Luana. II. Título.

11-07674

CCD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Contos indígenas: Literatura infantojuvenil 028.5
2. Contos indígenas: Literatura infantojuvenil 028.5

Editado conforme o Acordo Ortográfico da
Língua Portuguesa de 2009.

1ª edição, 2012 – 3ª reimpressão, 2021

Missão

Contribuir para a construção de um mundo mais solidário, justo e harmônico, publicando literatura que ofereça novas perspectivas para a compreensão do ser humano e do seu papel no planeta.



Editora Peirópolis Ltda.
Rua Girassol, 310F – Vila Madalena
05433-000 – São Paulo – SP
tel.: (11) 3816-0699
vendas@editorapeiropolis.com.br

A gente publica o que gosta de ler:
livros que transformam.

www.editorapeiropolis.com.br